

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Projeto de Curso em Linguística

Bárbara Gonçalves Cabral

A ORDEM VERBO-SUJEITO EM ORAÇÕES DA OBRA A
***VIAGEM DO ELEFANTE*, DE JOSÉ SARAMAGO**

Brasília
2014

Bárbara Gonçalves Cabral

**A ORDEM VERBO-SUJEITO EM ORAÇÕES DA OBRA A
VIAGEM DO ELEFANTE, DE JOSÉ SARAMAGO**

**Projeto apresentado junto ao Curso de Letras-
Português da Universidade de Brasília (UnB),
na área de linguística, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada.**

Orientadora: Dra. Heloisa Salles

Brasília

2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois, com minha crença, nada na minha vida seria possível sem Ele.

Aos meus pais, Amaro e Marizete, por terem me ensinado o valor da educação e o quanto a mesma é fundamental em nossa evolução como seres humanos e cidadãos. A vocês meu eterno obrigado.

Ao meu marido Renato que tem me apoiado nesses últimos anos.

À minha irmã Soraya que, durante toda a minha vida, lutou para que eu tivesse uma educação de qualidade.

À Universidade de Brasília que em muito colaborou para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

À minha querida orientadora Dra. Heloisa Salles por toda atenção, paciência e carinho. Saiba que a sua ajuda e o seu amplo conhecimento linguístico foram fundamentais para a realização deste trabalho.

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.”

Charles Chaplin

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	8
2.1 O posicionamento das gramáticas tradicionais acerca da ordem VS no português.....	8
2.2 A abordagem de Pilati (2002) acerca das orações com ordem VS no PB, em contraste com o PE.....	13
CAPÍTULO 3 – SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DO PE.....	19
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE CONTRASTIVA DOS DADOS DO PE E DO PB.....	24
CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
ANEXOS.....	32

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem o intuito de fazer uma análise descritiva de um conjunto de orações com ordem Verbo-Sujeito (VS), presentes na obra *A viagem do elefante*, de José Saramago. Por se tratar de uma obra escrita por um autor português, pressupõe-se que sejam encontradas orações que causem certo estranhamento na perspectiva de um falante nativo do Português do Brasil (PB), uma vez que a ordem SV é reconhecida como básica nessa língua. Para tanto, tomaremos por base o corpus citado e julgamentos de falantes nativos do PB (em que me incluo), em relação à ordem dos termos nas orações, no sentido de verificar semelhanças e diferenças entre o PE e o PB.

Sendo assim, os principais objetivos do trabalho são os de realizar uma análise contrastiva de estruturas oracionais existentes no Português do Brasil (PB) e no Português Europeu (PE), a fim de investigar não somente a variação linguística presente nas línguas, mas também identificar alguns fatores que motivam a ocorrência desse fenômeno.

O trabalho teve início com a leitura da obra *A viagem do elefante*. Ao longo da leitura, foram identificadas algumas usos da língua que causam um certo estranhamento a um falante do PB. A partir disso, foi feito um levantamento desses usos, destacando-se as sentenças em que ocorriam, com o objetivo de identificar qual/quais aspectos linguísticos estavam presentes nas estruturas das mesmas. Em seguida, foi feita uma análise preliminar das orações em que foi observada a ocorrência de três fenômenos linguísticos: redobro de pronomes clíticos, como em (1); formação do progressivo com a preposição ‘a’ e verbos no infinitivo e não no gerúndio, como (2); e presença de sujeito pós-verbal (3). Por serem fenômenos linguísticos distintos e complexos, o presente estudo tratará somente dos casos de sujeito pós-verbal.

(1) “... a **vós** que **vos** parece ...” (pág. 12)

(2) “... é como se estivéssemos **a sustentar** uma besta à argola ...” (pág. 13)

(3) “... E para que **quero eu** aqui o elefante...” (pág. 13)

Levando-se em consideração o exemplo (3) do PE, podemos observar que o sujeito *eu* se encontra depois do verbo *quero*. Isso causa um certo estranhamento em um falante do PB,

na medida em que nessa língua, geralmente, o sujeito vem antes do verbo, isto é, a oração no PB seria: *E para que eu quero o elefante aqui*. Ao realizarmos um contraste entre o PE e o PB, notamos que, nos exemplos citados, tanto o sujeito quanto o adjunto adverbial de lugar *aqui* ocupam posições distintas nessas línguas. Segundo as gramáticas tradicionais, a explicação existente para a posposição do sujeito, nesse caso, seria a de que se trata de uma oração interrogativa, em que o pronome interrogativo favorece o sujeito pós-verbal. Nesse sentido, o questionamento a ser feito seria: por que esse favorecimento deixou de existir no PB?

Vale ressaltar, nesse sentido, que não encontramos somente no português casos de sujeito pós-verbal em orações interrogativas, uma vez que outras línguas igualmente licenciam essa estrutura como, por exemplo, o inglês. O exemplo (4a) abaixo comprova isso. Nota-se que, no caso do inglês, por se tratar de uma oração interrogativa, a presença do pronome interrogativo *where* faz com que o sujeito *you* se posicione obrigatoriamente após o verbo *are*. No entanto, no inglês, essa regra se aplica crucialmente com verbos auxiliares. Por essa razão, é preciso introduzir os auxiliar *do/does/did* se o verbo não é do tipo auxiliar, como em (4b). Nesse sentido, o tipo frasal (interrogativo/ declarativo/ exclamativo/ imperativo) parece ser um fator relevante na distribuição dos termos na oração.

- (4) a. Where **are you** from?
 b. Where do you live?

Este trabalho está dividido em quatro partes. O capítulo 1, que é o da introdução, apresenta os objetivos do trabalho que, como foi dito anteriormente, são os de realizar uma análise contrastiva entre as estruturas oracionais existentes no Português do Brasil (PB) e no Português Europeu (PE) e investigar não somente a variação linguística presente nas línguas, mas também identificar alguns fatores que motivam a ocorrência desse fenômeno nos dados do PE e do PB.

O capítulo 2, denominado Pressupostos teóricos, está dividido em dois tópicos. O primeiro tópico trata do posicionamento das gramáticas tradicionais sobre a colocação dos termos na oração, mais especificamente, dos casos da inversão Verbo + Sujeito na Língua Portuguesa. Para isso, foram utilizadas duas gramáticas: *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara e *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra. Já o segundo tópico, descreve, sinteticamente, a visão de Pilati (2002) sobre as orações

com ordem VS no Português do Brasil. O objetivo do capítulo é o de mostrar diferentes perspectivas, sendo a primeira da GT e a segunda da linguística gerativista, sobre os casos VS presentes na Língua Portuguesa.

O capítulo 3, denominado Sistematização e análise dos dados do PE, faz um apanhado geral de todos os dados encontrados na obra de Saramago, separando-os de acordo com o tipo frasal e suas especificidades linguísticas, com o intuito de facilitar a análise contrastiva das orações com ordem VS a ser realizada no capítulo 4 do presente trabalho.

O capítulo 4, por fim, analisa os dados expostos no capítulo 3 e realiza uma análise contrastiva das orações com ordem VS do Português Europeu (PE), retiradas do livro de Saramago, com os da língua portuguesa descritos pelas GTs e os abordados por Pilati (2002). O objetivo do capítulo é o de investigar as diferenças e semelhanças existentes nas orações declarativas com ordem VS do PB e do PE, a fim de verificar a ocorrência dos fatores que motivam a ocorrência dessas variações citados na literatura.

Por fim, o capítulo 5 faz uma síntese de todo conteúdo tratado anteriormente, mostrando que existem variações entre as línguas e que essas possuem fatores que as motivam. Nesse sentido, estudos contrastivos nos fazem perceber que as línguas são organismos vivos que variam no tempo e no espaço e não devem ser vistas como algo estático. A língua portuguesa, por exemplo, embora seja falada no Brasil e em Portugal, apresenta variações que causam até estranhamento entre os falantes desses países. A importância desse tipo de estudo é a reflexão sobre a estrutura gramatical do português brasileiro e do português europeu, considerando que são línguas próximas, mas sua variação pode indicar propriedades interessantes para o entendimento das propriedades das línguas naturais.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo está dividido em dois tópicos. O primeiro realiza uma síntese sobre o que as gramáticas tradicionais de Evanildo Bechara (2009) e Celso Cunha & Lindley Cintra (2013), intituladas, respectivamente, *Moderna Gramática Portuguesa* e *Nova gramática do português contemporâneo*, dizem sobre a colocação dos termos da oração, mais especificamente sobre os casos de orações com sujeito posposto ao verbo da língua portuguesa.

O segundo tópico, faz uma síntese sobre a abordagem de Pilati (2002) acerca das orações declarativas com sujeito pós-verbal no PB. Pilati (2002), entre outras aspectos, apresenta os contextos sintáticos no PB em que ocorrem orações com ordem VS com verbos transitivos e objetos fonologicamente manifestos, demonstrando que o caráter restritivo da ocorrência desse padrão de ordem no PB, se comparado com o PE.

Com esse arcabouço teórico, é possível ter um panorama dos contextos em que ocorrem orações com sujeitos pós-verbais no português e fazer uma análise descritiva dos casos de orações com ordem VS do PE, os quais foram encontrados no livro *A viagem do elefante*, de José Saramago. Além disso, é possível realizar uma análise contrastiva dos dados de sujeito pós-verbal do PE, retirados do livro de Saramago, e do PB, abordados por Pilati (2002) para investigar as diferenças e semelhanças que esses dados possuem. Essa análise será feita no capítulo 4 do presente trabalho.

2.1 – O posicionamento das gramáticas tradicionais acerca da ordem VS no português

Como dito anteriormente, este tópico trata do posicionamento de duas gramáticas tradicionais acerca da colocação dos termos nas orações na Língua Portuguesa, com ênfase nos casos de sujeito pós-verbal. Primeiramente, é exposta a visão de Bechara (2009) sobre esse tema e, em seguida, a dos gramáticos Celso Cunha & Lindley Cintra (2013).

No capítulo II, na parte denominada *Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase*, Bechara (2009) afirma que uma das formas de reconhecimento do sujeito se faz pela sua posição *normal* à esquerda do verbo. O vocábulo *normal*, presente nessa afirmação do autor, comprova que a estrutura predominante no Português é SV e não VS. Obviamente, isso

não significa que inexistem casos de orações com sujeito posposto ao verbo na língua portuguesa.

Nessa mesma parte, no item *Colocação*, entre outros aspectos, o gramático trata dos casos registrados pela norma sintática do português acerca da colocação dos termos das orações e das orações nos períodos e, nesse sentido, ressalta os seguintes casos de sujeito posposto ao verbo:

1- Nas orações em que o verbo está na passiva pronominal:

(1) **Alugam-se** casas.

2- Nas orações reduzidas de gerúndio e participípio:

(2) a. **Terminando o discurso**, dirigiu-se ao hotel.

b. **Terminado o discurso**, dirigiu-se ao hotel.

3- Nas orações com verbos que indicam existências (ser, existir, haver, fazer), tempo, peso e medida:

(3) a. **Era** uma vez um príncipe.

b. **Existiram** várias razões.

c. **Houve** discussão.

d. **Faz** três anos que não o vejo.

e. **São** várias horas de distância.

4- Nas subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

(4) a. **Tivesse-me** ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

b. **Acabasse** falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5- Nas orações intercaladas de citação:

(5) Suma-se – **ordenou o policial**.

6- Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios, desde que o sujeito não seja o pronome interrogativo:

(6) a. De quem **falava você** quando chegamos?

b. Como **foi ele** passar nessa encrenca?

7- Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não:

(7) a. Como era verde o meu vale!

b. Viva o rei! (construção fixa)

8- Nas orações que possuem verbo intransitivo. Nesses casos, há uma preferência pela posposição do sujeito:

(8) Assim **passaram os anos**, assim **cresceram as árvores**.

9- A oração subordinada subjetiva vem normalmente após o verbo regente:

(9) a. Conta **que o trem atrasou**.

b. É aconselhável **que não se retirem agora**.

Assim como Bechara (2009), no capítulo 7, na parte denominada *A oração e os seus termos essenciais*, Celso Cunha & Lindley Cintra (2013) afirmam que o posicionamento do sujeito, na ordem direta e lógica do enunciado, é à esquerda do verbo, ou seja, os autores também reconhecem que a estrutura mais comum no PB é SV.

Fora isso, no tópico *Colocação dos termos na oração*, do capítulo 7, os autores salientam que, no português, como nas demais línguas românicas, os termos da oração colocam-se preferencialmente na ordem direta que é esta: Sujeito + Verbo + Objeto ou Sujeito + Verbo + Predicativo. Celso Cunha & Lindley Cintra (2013) acrescentam, ainda, que embora a ordem SV seja predominante na língua portuguesa, não devemos concluir que as inversões são rejeitadas por essa língua. Além disso, os autores afirmam que existem algumas inversões que o uso consagrou e, dessa forma, se tornaram uma exigência para os falantes.

Nesse mesmo tópico, Celso Cunha & Lindley Cintra (2013) também tratam dos fatores que concorrem para alterar a sequência lógica dos termos da oração na língua portuguesa. E, ao fazermos uma comparação entre Bechara (2009) e esses autores, encontramos alguns casos distintos de orações com ordem VS no português.

Há consenso entre as gramáticas nos seguintes casos: (I) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal; (II) nas orações intercaladas de citação; (III) nas orações com verbos intransitivos; (IV) nas orações interrogativas; (V) nas orações reduzidas de gerúndio e de participípio; e (VI) nas orações adverbiais condicionais construídas sem conjunção.

Mesmo nesses casos, há diferenças de abordagem, uma vez que Celso Cunha & Lindley Cintra (2013) não dizem que, nos casos das orações interrogativas somente haverá sujeito pós-verbal, *se o pronome interrogativo não for o sujeito*; não incluem os casos de orações adverbiais concessivas junto com os das orações adverbiais condicionais; e, finalmente, afirmam que há ocorrências de orações reduzidas de infinitivo dentro dos casos das orações reduzidas de gerúndio e participípio, como em (10):

- (10) Pelas madrugadas de São João, **ao começarem a morrer as fogueiras**, mocinhas postavam-se diante do Solar. (G. França de Lima, JV, 5, pg.179)

Com relação às ocorrências de orações com sujeito pós-verbal encontradas na *Nova gramática do português contemporâneo*, porém não identificados por Bechara (2009), temos os seguintes casos:

1- Nas orações que contêm uma forma verbal imperativa:

- (11) **Ouve tu**, meu cansado coração,

O que te diz a voz da natureza.

(A. de Quenta, SC, 51, pg.178)

2- Nas orações absolutas construídas com o verbo no subjuntivo para denotar uma ordem, um desejo:

- (12) **Durma**, de tuas mãos nas palmas sacrossantas,
O meu remorso.

(O. Bilac, T, 192, pg. 178)

3- Em certas construções com verbos unipessoais:

- (13) **Basta o amor ao trabalho.**

(A. Abelaira, NC, 14, pg. 179)

4 – Nas orações que se iniciam pelo predicativo, pelo objeto (direto ou indireto) ou por adjunto adverbial:

- (14) Este **é o destino dos versos.**

(F. Pessoa, OP, 165, pg.179)

Com isso, podemos constatar que, embora utilizem termos distintos, como ordem *normal* ou *lógica*, para tratar do posicionamento do sujeito dentro da ordem direta da oração, as duas gramáticas consideram que a estrutura predominante no português é SV. Além disso, apesar de existir a referência a alguns casos de orações com ordem VS nessas gramáticas, o importante é constatar que o PB possui casos de sujeito posposto ao verbo e que os mesmos não devem ser vistos como construções estigmatizadas em nossa língua. Por fim, vale ressaltar que todos os autores salientam que essas inversões, na maioria das vezes, possuem o objetivo de realçar algum termo oracional.

2.2 – A abordagem de Pilati (2002) acerca das orações com ordem VS no PB, em contraste com o PE

Em sua dissertação de mestrado, Pilati (2002) estuda as propriedades semânticas e sintáticas das orações declarativas com ordem Verbo-(Objeto)-Sujeito (VS) do Português do

Brasil dentro de uma perspectiva analítico-descritiva. A autora afirma que, nessa época, não havia um consenso sobre a possibilidade de ocorrência de ordem VS com verbos diferentes dos inacusativos, como por exemplo, os inergativos e transitivos.

Então, diante desse contexto, surgiram três questões: (I) Há no português a possibilidade de se formar orações com ordem VS com verbos diferentes dos inacusativos? (II) Se houver, como podem ser caracterizadas as orações com ordem VS formadas por verbos inergativos e transitivos? (III) Em que contextos são licenciadas as orações de ordem VS com verbos inergativos e transitivos no PB?

Pilati (2002) afirma que, apesar de os resultados de sua pesquisa não terem sido quantificados, os mesmos comprovam que, embora os verbos inacusativos sejam os mais frequentes em orações com ordem VS no PB, há contextos em que ocorrem orações de ordem VS com verbos inergativos ou transitivos.

Segundo a autora, as orações de ordem VS com verbos inergativos, por exemplo, ocorrem em dois contextos: (I) descrição do falante sobre “O que aconteceu?”, como em (15a); (II) orações com ordem XP (adverbial ou dêitico) VS, que a autora analisa como as chamadas inversões locativas, como em (15b):

- (15) a. Ligou a Maria.
b. Ali brincam as crianças.

As orações de ordem VS com verbos transitivos, ocorrem também em dois contextos, que são: (I) em narrações concomitantes, como eventos esportivos (16a) ou em contextos instrucionais (16b); (II) nas orações em que o predicado contém uma expressão idiomática, a qual ocorre em contextos nos quais os falantes descrevem um acontecimento como em (16c):

- (16) a. Pega a bola o árbitro.
b. Ganha o jogo quem completar o tabuleiro.
c. Tomou posse o novo ministro da educação.

Além disso, Pilati (2002) ressalta que alguns estudos classificam os sujeitos de orações

com ordem VS como tópicos deslocados à esquerda. Para isso ocorrer, normalmente, há uma pausa entre o verbo e o sujeito e há um pronome (fonologicamente nulo ou manifesto) no início da oração, como em (17a), em oposição a (17b). A autora analisou esses dois tipos de orações e mostrou a diferença semântica entre os mesmos. Vejamos os exemplos abaixo:

(17) a. (Ele) tá pronto, o vestido azul.

b. Tá pronto o vestido azul.

Pilati (2002) sugere o seguinte contexto para demonstrar as diferenças semânticas entre as orações (17a) e (17b) e, posteriormente, comprovar a existência de diferentes estruturas sintáticas para as orações com ordem VS. A situação é esta: uma menina pergunta (18a) à costureira se as roupas que ela encomendou já estão prontas.

(18) a. Quais das minhas roupas já estão prontas?

Uma possível resposta seria (17b), com a oração subentendida entre parênteses.

(17) b. Tá pronto o vestido azul (os outros vestidos não estão prontos).

Dito isso, a jovem pergunta:

(18) b. Já posso levá-lo?

A costureira responde (17a) com uma oração diferente da de (17b) como parte subentendida:

(17) a. (Ele) tá pronto, o vestido azul (mas ainda não está passado).

Devido ao fato de as orações (17a) e (17b) apresentarem informações subentendidas distintas (ou seja, significados distintos), deduz-se que são orações com estruturas sintáticas distintas. Dessa forma, Pilati (2002) comprova que pode haver dois tipos distintos de orações com ordem VS no PB: (I) em que o sujeito é um tópico deslocado à esquerda e (II) em que o sujeito não pode ser interpretado como um tópico. Em seu estudo, a autora somente tratou de orações como a de (17b), em que o sujeito não é um tópico deslocado à esquerda.

Alguns estudos variacionistas sobre o PB, citados por Pilati (2002), comprovam que, em situações de fala, a ordem VS apresenta um número de ocorrências bem menor que a ordem SV e que a ordem VS é mais frequente com verbos que selecionam somente um argumento, isto é, com os chamados verbos intransitivos (cf. Lira, 1986, Pezatti, 1993, Coelho, 2000 e Alberton, 2001). Além disso, a maioria desses estudos, citados pela autora, demonstra que os verbos intransitivos que mais ocorrem na ordem VS são os com sentido apresentativo, como os verbos *vir*, *aparecer*, *acontecer*. Dessa forma, as orações como em (18a) são mais frequentes do que orações como em (18b).

- (18) a. Chegaram as cartas.
 b. Telefonou um cliente.
 c. *Comeu o bolo o João.

Fora isso, alguns estudos citados pela autora (cf. Kato & Nascimento, 1996, Coelho, 2001) mostram que, no tocante a fatores fonologicamente manifestos e necessários para a ocorrência de orações como as de (18a) e (18b), há muitos casos de orações com ordem VS que possuem elementos adverbiais em posição inicial, como em (19):

- (19) Ali funcionava um local chamado Miramar. (Coelho 2001: 191)

Já com relação a orações de ordem VS com verbos transitivos, embora as pesquisas variacionistas afirmem que, estatisticamente, são construções raras no PB, a autora cita alguns estudos funcionalistas como o de Naro & Votre (1999) que demonstram algumas ocorrências de ordem VS com verbos transitivos, como em (20):

- (21) a. Se chegar em Pernambuco, ele não fala a mesma coisa que fala o baiano.
 b. Nem sempre ganha o favorito.

Além desses casos, em que o objeto não é fonologicamente realizado por um DP, Pilati (2002) verifica novos contextos sintáticos em que há sujeitos pospostos a verbos transitivos com objetos fonologicamente manifestos, como os em (22):

(23) a. *Participa do programa* o cantor Leonardo.

b. Hoje *tomou posse* o novo Ministro da cultura.

c. *Arriscou o chute* Diego Tardelli.

A autora afirma que orações com ordem VOS ocorrem em contextos mais restritos do que os de ordem VS com verbos inacusativos. Essas podem ocorrer em contextos de língua escrita ou falada, como em sessões de debates ou narrações concomitantes. Vale ressaltar que em eventos de narrações concomitantes, como em jogo de futebol e corridas de fórmula 1, normalmente, há um locutor que narra os fatos quase ao mesmo tempo em que ocorrem.

De acordo com Pilati (2002), as orações de ordem VS com verbos transitivos podem ser separadas em três grupos: I) orações contendo verbos semanticamente leves (24); II) orações em que o verbo é transitivo, mas o objeto não é um DP, como em (25); e III) orações de ordem VOS realizadas em contextos de narrações concomitantes ou contextos instrucionais, como em (26):

(24) a. *Chama atenção especial* o elevado número de ocorrências do verbo existencial existir.

b. *Tomou posse* o novo ministro.

(25) “Você tem de estudar”, disse o professor.

(26) *Pega a bola* o goleiro do flamengo.

As chamadas orações de predicados leves são aquelas que formam expressões idiomáticas ou apresentam predicados em que: (I) o objeto é um elemento abstrato, (II) em geral, com baixa referencialidade, isto é, relacionado a um conceito abstrato ou evento como, respectivamente, *atenção* ou *posse* em (24); e III) devido aos dois motivos anteriores, o predicado (verbo + objeto) apenas será coerente se for interpretado em conjunto. Essas orações, normalmente, ocorrem em contextos em que há um elemento adverbial, palavra -QU ou operador de foco à esquerda da oração, tais como nos exemplos em (25):

(25) a. Hoje *participará do debate* o Senador Cristóvam Buarque.

b. Pela primeira vez, *assume a presidência* um operário.

No tocante às orações proferidas em contextos de narrações concomitantes, Pilati (2002) afirma que as mesmas ocorrem em contextos em que o falante lista o fato ocorrido e o relaciona ao praticante da ação que, nesse caso, é o sujeito, como em (16):

(26) a. Chuta a bola o jogador do Flamengo.

b. Abre o placar o time do Palmeiras.

Além disso, existem as orações que ocorrem em contextos instrucionais em que o conteúdo do VP já foi mencionado por uma oração relativa, por exemplo em instruções de jogos, como em (27); ou em textos que fornecem algum tipo de instrução como em (28):

(27) Vence a partida o jogador que obtiver mais pontos.

(28) Podem participar do concurso candidatos com mais de 60 anos.

Por fim, com relação às orações com verbos transitivos que não apresentam DPs com objetos diretos, Pilati (2002) salienta que as mesmas ocorrem, normalmente, em contextos de orações parentéricas. Nessas estruturas, o complemento do verbo é o principal elemento da oração e é apresentado como relato de uma fala. São orações proferidas em contextos de discurso direto como em (29), possuindo a estrutura *[[complemento] + verbo + sujeito]*.

(29) a. “De nada adianta a competência se você é uma desconhecida”, afirma o consultor.
(Pilati 2002: 71)

b. “... temos que nos preparar sempre para o mercado de trabalho”, defende José Minarelli.

(Pilati 2002: 71)

Diante do exposto, Pilati (2002) comprova que há orações declarativas com ordem VS e verbos inacusativos, inergativos e transitivos no PB. Entretanto, a autora conclui que essas

orações ocorrem da seguinte forma: (I) inversão menos restrita com orações que possuem verbos inacusativos e (II) inversão mais restrita com orações que possuem verbos inergativos e transitivos, ou seja, a ocorrência de orações deste tipo com verbos inacusativos é bem maior do que as com verbos inergativos e transitivos.

3 – SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DO PE

O presente capítulo realiza uma sistematização e análise dos dados retirados da obra *A viagem do elefante*, de José Saramago. Como foi dito nos capítulos anteriores, são orações com sujeito pós-verbal que causam um certo estranhamento na perspectiva de um falante do PB, tendo em vista que o livro foi escrito por um autor português. Dessa forma, as orações com sujeito posposto ao verbo, formadas por verbos na voz passiva pronominal, não serão estudadas, uma vez que já estão consagradas em contextos do PB.

Nesse sentido, o objetivo do capítulo é o de identificar aspectos gramaticais, presentes nas estruturas oracionais do corpus citado, os quais licenciem a ocorrência de orações com ordem VS no Português Europeu (PE).

Embora não seja um trabalho quantitativo, vale ressaltar que foi encontrado um total de 44 orações com sujeito pós-verbal. Para facilitar a análise dos dados, as orações foram separadas de acordo com o tipo frasal que possuem (interrogativa, declarativa, exclamativa, imperativa), tendo em vista que o mesmo parece ser um fator relevante na distribuição dos termos da oração. O resultado dessa sistematização encontra-se na tabela abaixo:

Tabela 1: Orações com ordem VS retiradas da obra *A viagem do elefante*:

TIPO FRASAL	TOTAL DE ORAÇÕES
Declarativa	26
Interrogativa	17
Imperativa	1
Total de orações	44

Como podemos observar, a tabela demonstra que, no tocante ao tipo frasal com ordem VS, há predominância dos tipos declarativo e interrogativo nos dados do PE. Em contrapartida, há apenas uma ocorrência de oração imperativa. Por isso, a ocorrência de construções VS em orações interrogativas ratifica a suposição de que esse tipo frasal influencia, de certa forma, na ordem dos termos da oração no PE. No entanto, o número significativo da ordem VS com orações declarativas indica que a o padrão VS tem

distribuição mais ampla ainda no PE.

Entretanto, ao analisarmos o conjunto de orações com ordem VS de cada tipo frasal, em termos de estrutura oracional, não encontramos uma uniformidade. Nas orações declarativas, por exemplo, há quatro aspectos sintáticos distintos que parecem influenciar na posposição do sujeito ao verbo que são: (I) adjunto adverbial no início da oração, como em (1a) e (1b); (II) o fato de se tratar de uma oração subordinada reduzida de gerúndio ou infinitivo, como em (2a) e (2b); (III) a presença de uma interrogação indireta dentro da estrutura oracional declarativa, como em (3a) e (3b); e (IV) conjunção no início da oração, como (4a) e (4b):

- (1) a. “**Até aí**, sei eu, e não precisei de nenhum indiano” (p.39)
 - b. “**Com o elefante** ficaram de sentinela dois soldados de cavalaria” (p.75)
- (2) a. “Sentiu uma súbita dor **por deixar ir o salomão sozinho**” (p.14)
 - b. “imagine que a gente de lá se recusa a quaisquer tratos de compra e venda conosco, **mesmo indo isso contra os seus interesses no momento**” (p.98)
- (3) a. “Não percebo **por que** tinham esses porcos que morrer” (p.79)
 - b. “Deixem-nos, vamos ver **como** descalça ele a bota” (pg.222)
- (4) a. “**Como se** de ver um elefante dependesse a sua felicidade e a dos seus” (p.61)
 - b. “**Como** austríaco era também o capitão que os comandava” (p.124)

Com relação aos exemplos acima, existem dois aspectos importantes: I) em orações como as de (2), boa parte é reduzida de infinitivo; e II) todos esses casos possuem, aproximadamente, o mesmo número de ocorrências, exceto o que envolve conjunções em início de oração, uma vez que esse caso ocorre somente nos dois exemplos em (4).

Além disso, há ocorrências de orações declarativas com ordem VS que não se enquadram nos casos anteriormente abordados. Sendo assim, como forma de se buscar uma

justificativa para suas ocorrências, as mesmas foram analisadas de acordo com a transitividade de seus verbos. Todos esses verbos ocupam a primeira posição da oração. Após a análise, constatamos que a maioria dessas orações possui verbos transitivos, como (5a) e (5b), uma vez que somente um foge a esse padrão e apresenta verbo de ligação, mas é uma estrutura perifrástica que expressa a voz passiva (auxiliar + particípio), como em (6):

(5) a. “**Escreve** o arquiduque que seria bom que ele não tardasse demasiado a fim de se ir habituando à mudança das pessoas e do ambiente” (p.29)

b. “**Tinha** razão a bruxa” (p.85)

(6) “**Serão** eliminadas do relato as versões alternadas do intérprete a fim de não só agilizar a justa verbal, mas também para que fique habilmente insinuada a ideia precursora de que a esgrima de argumentos de um lado e de outro estará a ser percebida por ambas as partes em tempo real” (p.134)

Vale acrescentar, nesse sentido, que a maioria das orações declarativas com ordem VS e verbos transitivos ocupando a primeira posição apresenta verbos transitivos diretos. Além disso, o número de ocorrência dessas orações foi praticamente igual aos demais casos expostos neste capítulo.

Com isso, podemos dizer, no geral, que foram encontrados cinco aspectos sintáticos que parecem justificar a ocorrência de orações declarativas com ordem VS no PE que são: (I) adjunto adverbial no início da oração; (II) o fato de se tratar de uma oração subordinada reduzida de gerúndio ou infinitivo; (III) a presença de uma interrogação indireta dentro da estrutura oracional declarativa; (IV) conjunção no início da oração; e (V) verbos transitivos em primeira posição. Além disso, exceto o das conjunções em posição inicial, todos os casos ocorrem de forma equilibrada, isto é, possuem o mesmo número de ocorrências.

Com relação às orações interrogativas com ordem VS, encontramos quatro casos distintos que são: (I) presença de pronome interrogativo em posição inicial, como em (7a) e (7b); (II) presença de adjunto adverbial em posição inicial, como em (8a) e (8b); (III) orações interrogativas com respostas Sim/Não, como em (9a) e (9b); e orações intercaladas de citação, como em (10a) e (10b):

- (7) a. “**Que** quer isso dizer” (p. 17)
- b. “E **quanto** vou eu ganhar com isto” (p.190)
- (8) a. “**Quando** tenciona ele partir para Viena” (p.14)
- b. “E **como** o soube ele” (p.118)
- (9) a. “**Quer** Vossa Alteza que mande chamar a guarda real” (p.16)
- b. “**Dá** Vossa Senhoria licença que eu cumpra a minha obrigação de sacerdote” (p.82)
- (10) a. “Aonde queres tu chegar, **perguntou Subhro**” (p.116)
- b. “Que crês tu então que se passou, **perguntou Subhro**” (p.116)

As orações em (10), embora sejam orações intercaladas de citação, possuem, respectivamente, um adjunto adverbial *aonde* e um pronome interrogativo *que*. Entretanto, as gramáticas tradicionais afirmam que, nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois verbo. Ou seja, independente de haver pronome interrogativo ou adjunto adverbial, o sujeito virá de ordinário depois do verbo. Sendo assim, parece que, nesses casos, a citação *perguntou Subhro* prevalece como justificativa da ordem VS.

Fora isso, esses casos de orações interrogativas com sujeito pós-verbal apresentam uma espécie de hierarquia de ocorrência. Isso ocorre, uma vez que as orações com pronome interrogativo na primeira posição são mais recorrentes que as orações interrogativas com adjunto adverbial na primeira posição que, por sua vez, ocorrem em um número maior que as orações interrogativas com respostas do tipo Sim/Não e intercaladas de citação.

Com isso, podemos concluir que o pronome interrogativo na 1ª posição é uma categoria gramatical que possui bastante relevância nos casos de sujeito pós-verbal em orações interrogativas no PE. Vale acrescentar, nesse sentido, que, entre os pronomes interrogativos, o pronome *que* é o mais recorrente nesse tipo de oração.

Por fim, há apenas uma ocorrência do tipo frasal imperativo, a qual demonstra a baixa

ocorrência desse tipo frasal em orações com ordem VS no PE, como em (11):

(11) “**Vivamos** nós o dia hoje, que o amanhã nunca se sabe” (p.244)

Em suma, as orações com ordem VS, destacadas da obra de Saramago apresentam basicamente dois tipos frasais: declarativo e interrogativo. Isso é justificável pelo fato de haver apenas uma oração imperativa e nenhuma exclamativa ou optativa. Fora isso, enquanto os casos das orações declarativas com ordem VS demonstram certo equilíbrio em suas ocorrências, os casos das orações interrogativas apresentam uma escala hierárquica em que há predominância de um caso sobre o outro.

4 – ANÁLISE CONTRASTIVA DOS DADOS DO PE E DO PB

O presente capítulo tem o objetivo de realizar uma análise contrastiva das orações com ordem VS do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB) e identificar algumas diferenças e semelhanças existentes entre as mesmas. Para isso, serão feitas duas análises comparativas. A primeira relaciona os casos de sujeito pós-verbal abordados pelas GTs (língua portuguesa) e os encontrados na obra de Saramago (PE) abordados, respectivamente, nos capítulos 2 e 3 do presente estudo. A segunda compara os casos de sujeito posposto ao verbo identificados por Pilati (2002) e os encontrados no corpus citado.

Vale ressaltar que a primeira análise tanto mantém a separação das orações de acordo com o tipo frasal, quanto segue o roteiro realizado no capítulo 3, uma vez que essa postura facilita a realização da mesma. Logo, primeiro comparam-se os casos das orações declarativas, depois os das interrogativas e, por fim, o da imperativa.

Com relação às orações declarativas com ordem VS, dois casos coincidem com o que descrevem as GTs: (I) adjunto adverbial em posição inicial; e (II) orações reduzidas de gerúndio e participio. Dessa forma, existem três casos que não são descritos por essas gramáticas que são: I) presença de interrogação indireta dentro da estrutura oracional declarativa, como em (1); II) conjunção no início da oração, como em (2); e III) verbo transitivo em posição inicial, como em (3):

- (1) “Vossa Paternidade vai já perguntar-me **como** sei eu que o elefante Solimão é um Deus” (p.188)
- (2) “**Como** austríaco era também o capitão que os comandava” (p.124)
- (3) “**Suspeita** o comandante que o seu exemplar veio de cessa bastarda” (p.95)

Os exemplos acima demonstram que, no tocante às orações declarativas com ordem VS, os casos prescritos pelas GTs não contemplam todas as situações encontradas na obra de Saramago. Entretanto, uma justificativa interessante seria o fato de o autor, diferentemente das gramáticas, priorizar a oralidade, tendo em vista que a maioria das orações com ordem VS, retiradas de sua obra, faz parte de um diálogo. No entanto, é necessário um estudo mais

aprofundado para confirmar essa hipótese.

Entretanto, em relação às orações interrogativas com ordem VS, somente o caso das orações interrogativas do tipo Sim/Não, como em (4), não é reconhecido pelas GTs. Nesse sentido, vale ressaltar que, entre os casos de orações interrogativas, esse foi o que apresentou menor ocorrência e, por esse motivo, talvez não seja muito frequente no discurso – afinal, o foco incide sobre toda a oração, e essa situação pode ser pragmaticamente menos usual.

(4) “Quer isso dizer que és cristão” (p.47)

Finalmente, o sujeito posposto ao verbo em oração imperativa é reconhecido pelas GTs. Por isso, a oração imperativa retirada da obra de Saramago faz parte do conjunto de orações com ordem VS prescritos pelas gramáticas tradicionais.

Dessa forma, comprova-se que a maioria dos casos de orações do PE com sujeito pós-verbal é reconhecida pelas gramáticas de Bechara (2009) e Celso Cunha & Lindley Cintra (2013). Além disso, fazendo-se uma comparação entre os tipos frasais das orações com ordem VS retiradas da obra de Saramago, o declarativo é o que possui o maior número de casos divergentes, tendo em vista que dos cinco casos que apresenta, três não são reconhecidos pelas GTs.

Com relação à abordagem de Pilati (2002), vimos que a autora faz uma análise descritiva dos casos de sujeito pós-verbal em orações declarativas do PB e afirma que há ocorrências de verbos inacusativos, inergativos e transitivos em orações que possuem sujeito posposto ao verbo. Além disso, Pilati (2002) reconhece contextos específicos para ocorrências de orações com verbos inergativos e transitivos, tendo em vista que, nessa época, os casos de sujeito pós-verbal com verbos inacusativos já eram bem reconhecidos. Com isso, a segunda análise trata dos casos de orações declarativas com ordem VS, uma vez que a autora analisou apenas ocorrências de orações declarativas com ordem VS no PB.

Pilati (2002) afirma que os verbos inergativos ocorrem em dois contextos principais: I) descrição do falante sobre “o que aconteceu?”, como em (5); II) orações com ordem XP (adverbial ou dêitico) que são as chamadas inversões locativas, como em (6):

(5) Telefonou o João.

(6) Ali moram os índios.

As orações com verbos transitivos podem ocorrer nos seguintes contextos: I) em narrações concomitantes ou contextos instrucionais como, respectivamente, em (7) e (8); II) em que o predicado contém uma expressão idiomática em que, normalmente, o falante descreve um acontecimento, como em (9); e III) em que o verbo transitivo não apresenta DP como objeto direto, como em (10):

(7) Chuta a bola o jogador do flamengo.

(8) Ganha o jogo quem fizer mais pontos.

(9) Tomou posse o novo ministro da fazenda.

(10) “De nada adianta a competência se você é uma desconhecida”, afirma o consultor.

Por fim, a autora conclui que há contextos no PB em que ocorrem orações de ordem VS com verbos inacusativos, inergativos e transitivos. No entanto, as ocorrências de orações com verbos inacusativos são bem maiores do que as orações com verbos inergativos e transitivos.

Entretanto, ao fazer uma análise das orações declarativas com ordem VS, destacadas do livro de Saramago, constata-se que os verbos transitivos são os mais recorrentes neste tipo frasal. Além disso, há casos de orações declarativas com ordem VS e verbo de ligação. O resultado dessa sistematização pode ser visto na seguinte tabela:

Tabela 2: Tipos de verbos presentes nas orações declarativas com ordem VS do livro *A viagem do elefante*, de José Saramago:

Tipos de verbo	Total
Transitivos	17
De ligação	5
Inergativos	2
Inacusativos	2

A tabela acima apresenta três aspectos relevantes: (I) a maioria das orações declarativas com ordem VS no PE, retiradas da obra de Saramago, possui verbos transitivos; (II) há ocorrência de verbos de ligação em orações declarativas com sujeito pós-verbal, como em (11); e (III) o número de ocorrências de orações declarativas com ordem VS e verbos inergativos, como em (12a) e (12b) é igual ao das orações com verbos inacusativos, como em (13a) e (13b):

(11) “Não que **fosse** essa a intenção nossa” (p.173)

(12) a. “... imagine que a gente de lá se recusa a quaisquer tratos de compra e venda conosco, mesmo **indo** isso contra os seus interesses no momento” (p.98)

b. “Ao seu olhar experimentado **basta** um rápido relance” (p. 175)

(13) a. “Às árvores pintadas não **caem** as folhas” (p.240)

b. “Semanas depois, **chegou** à Corte portuguesa uma carta do arquiduque” (p.256)

Com isso, pode-se afirmar que, em relação ao número de ocorrências, os padrões encontrados na obra de Saramago (PE) divergem claramente dos casos de sujeito pós-verbal do PB descritos por Pilati (2002). Isso ocorre, tendo em vista que a autora afirma que no PB a inversão é menos restrita em orações declarativas com verbos inacusativos e mais restrita em orações declarativas com verbos inergativos ou transitivos. Além disso, a autora não trata de casos de orações declarativas com ordem VS e verbos de ligação.

Em relação às ocorrências de orações com ordem VS e verbos inergativos, os dois exemplos em (6) mostram que há, respectivamente, uma conjunção e um adjunto adverbial em posição inicial. Pilati (2002) reconhece apenas o segundo caso, isto é, o de orações com ordem XPVS. Sendo assim, pode-se afirmar que tanto o PB quanto o PE apresentam ocorrências de orações declarativas com ordem XPVS.

Finalmente, em relação aos contextos de orações declarativas com ordem VS e verbos transitivos, nos dados extraídos da obra de Saramago não foram encontradas as estruturas citadas por Pilati (2002), a saber: I) orações que pertencem a contextos instrucionais e de narrações concomitantes; II) orações que possuem predicado com expressões idiomáticas. No

entanto, encontramos orações que possuem verbos transitivos, mas que o objeto não é um DP, como em (5a), citado no Capítulo 3 e abaixo:

- (5) a. “**Escreve** o arquiduque que seria bom que ele não tardasse demasiado a fim de se ir habituando à mudança das pessoas e do ambiente” (p.29)

Diante do exposto, pode-se afirmar que as GTs abordam a maioria das ocorrências de orações com ordem VS do PE, havendo divergência significativa somente em alguns casos de orações declarativas. Entretanto, como foi dito, as orações com ordem VS no PE foram retiradas de uma obra em que o autor priorizou a oralidade e, talvez, esse seja um motivo relevante para a existência dessa divergência, tendo em vista que as GTs priorizam a escrita e não a fala.

Por outro lado, em relação à análise contrastiva de orações declarativas com sujeito pós-verbal existentes no PE e no PB, conclui-se que existem diferentes fatores na manifestação dos padrões de ordem entre as mesmas. Isso ocorre, pois, enquanto o PB apresenta uma inversão menos restrita para orações com verbos inacusativos, o PE demonstra uma inversão menos restrita para orações com verbos transitivos. Além disso, dos contextos apresentados por Pilati (2002), somente um pode ser encontrado no PE, que é o da oração com verbo inergativo e ordem XPVS. E, finalmente, a autora não reconhece no PB orações com ordem VS e verbos de ligação, porém, como vimos anteriormente, o PE apresenta algumas construções deste tipo.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve o intuito de realizar uma análise contrastiva das estruturas oracionais existentes no Português do Brasil (PB) e no Português Europeu (PE), a fim de não somente investigar o contraste linguístico entre essas línguas, como também identificar alguns fatores que motivam a ocorrência desse fenômeno.

Para isso, o trabalho foi organizado em cinco capítulos. O capítulo 1 apresentou como se chegou ao tema da pesquisa e sintetizou as ideias presentes em cada capítulo, com o objetivo de fornecer uma visão global do trabalho.

O capítulo 2 apresentou o posicionamento das gramáticas de Bechara (2009) e Celso Cunha & Lindley Cintra (2013) acerca da ordem Verbo-Sujeito na língua portuguesa. Além disso, esse capítulo realizou uma síntese da abordagem de Pilati (2002) acerca das orações declarativas com sujeito pós-verbal no PB. Dessa forma, chegamos a duas conclusões: (i) apesar de existirem alguns casos distintos de sujeito pós-verbal nas GTs, há um consenso entre as mesmas no tocante a admitir que a ordem direta dos termos oracionais no português é SVO; e (ii) o PB apresenta ocorrências de orações declarativas de ordem VS com verbos inacusativos, inergativos e transitivos. Porém, a inversão é menos restrita nas orações que possuem verbos inacusativos e mais restrita nas orações que possuem verbos inergativos e transitivos. Esses dados foram apresentados na análise realizada no capítulo 4.

O capítulo 3 realizou uma sistematização dos dados encontrados na obra de Saramago, separando-os de acordo com o tipo frasal e identificando aspectos que parecem favorecer as ocorrências de orações com sujeito pós-verbal no PE. Entre outros aspectos, verificou-se que as ocorrências da ordem VS se verificam tanto com o tipo frasal declarativo quanto com o tipo frasal interrogativo – embora o número de dados do tipo frasal declarativo seja maior. Encontrou-se também um caso de ordem VS no imperativo. Além disso, observou-se que os dados não apresentam orações exclamativas ou optativas com ordem VS.

O capítulo 4 realizou duas análises. A primeira análise contrastou os casos de sujeito pós-verbal do PE com os descritos pelas gramáticas de Bechara (2009) e Celso Cunha & Lindley Cintra (2013) e demonstrou que a maioria dos casos encontrados nos dados do PE são abordados por essas GTs. Já a segunda análise contrastou os dados do PE, retirados do livro

de Saramago, com os apresentados por Pilati (2002). Dessa forma, concluiu-se que a maioria dos casos de orações declarativas com ordem VS do PE não ocorre no PB, uma vez que somente um caso do PE pode ser abordado em termos dos padrões encontrados por Pilati (2002) na análise do PB.

Por fim, diante do exposto, podemos afirmar que boa parte das orações com ordem VS no PE, as quais compõem o corpus do presente estudo, causam estranhamento na perspectiva de um falante do PB, tendo em vista que possuem construções sintáticas e semânticas distintas do PB. Com isso, podemos afirmar que não somente as diferentes línguas apresentam variações, mas também línguas muito próximas podem apresentá-las. O PB e o PE formam um bom exemplo disso, uma vez que apresentam variações, o que pode ser uma indicação de que são línguas distintas, embora sejam próximas.

Além disso, vale acrescentar que análises contrastivas, como esta, constituem uma forma interessante de identificação de fenômenos que favorecem a ocorrência da chamada variação linguística. Isso ocorre, pois ao realizarmos o contraste dos dados existentes nas diferentes modalidades de línguas muito próximas ou em línguas distintas, conseguimos identificar as diferenças e semelhanças que as mesmas possuem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

EVANILDO, Bechara. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira e Lucerna, 2009.

PILATI, Eloisa. *Sobre a ordem verbo sujeito no português do Brasil*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2002.

SARAMAGO, José. *A viagem do elefante*. São Paulo: Schwarcz, 2008.

ANEXOS**Orações com ordem VS do livro *A viagem do elefante*, de José Saramago**

- 1) E para que quero eu aqui o elefante (pág 13)
- 2) Quando tenciona ele partir para Viena. (pág. 14)
- 3) Sentiu uma súbita dor por deixar ir o salomão sozinho. (pág. 14)
- 4) Quer Vossa Alteza que mande chamar a guarda real. (pág 16)
- 5) Que quer isso dizer (pág. 17)
- 6) Escreve o arquiduque que seria bom que ele não tardasse demasiado a fim de se ir habituando à mudança das pessoas e do ambiente (pág. 29)
- 7) Até aí, sei eu, e não precisei de nenhum indiano (pág. 39)
- 8) A idéia parece boa, mas onde vamos nós arranjar uma junta de bois (pág. 39)
- 9) Assim me pareceu, Uma ideia estúpida, quero eu dizer. (pág. 45)
- 10) Quer isso dizer que és cristão (pág. 47)
- 11) Nunca vi um elefante na minha vida, disse o feito com voz triste, como se de ver um elefante dependesse a sua felicidade e a dos seus. (Pág. 61)
- 12) E tu, ó cornaca, que raios vais tu fazer com o elefante a Viena (pág. 69)
- 13) Que quer isso dizer (pág. 69)
- 14) Com elefante ficaram de sentinela dois soldados de cavalaria (pág. 75)

- 15) Que querem vocês a estas horas da noite (pág. 76)
- 16) Não percebo por que tinham esses porcos que morrer. (pág. 79)
- 17) Dá Vossa Senhoria licença que eu cumpra a minha obrigação de sacerdote (pág. 82)
- 18) Tinha razão a bruxa. (pág. 85)
- 19) E como conseguiu ele isso (pág. 91)
- 20) Suspeita o comandante que o seu exemplar veio de cessa bastarda (pág. 95)
- 21) Imagine que a gente de lá se recusa a quaisquer tratos de compra e venda connosco, mesmo indo isso contra os seus interesses no momento (pág. 98)
- 22) Que pensa então o senhor secretário que devemos fazer (pág. 99)
- 23) Que coisas pouco claras e bastante duvidosas encontras tu no relato (pág. 116)
- 24) Aonde queres tu chegar, perguntou Subhro (pág. 116)
- 25) Que crês tu então que se passou, perguntou Subhro (pág. 116)
- 26) E como o soube ele. (pág. 118)
- 27) Uns quarenta, todos austríacos, como austríaco era também o capitão que os comandava (pág. 124)
- 28) Mas temos razões para suspeitar que o seu propósito é levarem eles o Salomão e deixarem-nos aqui com cara de parvos. (pág. 127)
- 29) Salvou-o do transe o alcaide ao dizer em voz baixa (pág. 133)
- 30) Serão eliminadas do relato as versões alternadas do intérprete a fim de não só agilizar a justa verbal (pág. 134)

- 31) Sob pena, em caso de desacato, de sofrerem os responsáveis as consequências do meu desagrado (pág. 151)
- 32) Pensam eles que é preciso ter muita paciência para aturar os seres humanos (pág. 166)
- 33) Não que fosse essa a intenção nossa. (pág. 173)
- 34) Ao seu olhar experimentado basta um rápido relance (pág. 175)
- 35) Vossa Paternidade vai já perguntar-me como sei eu que o elefante Solimão é um Deus (pág. 188)
- 36) E quanto vou eu ganhar com isto. (pág. 190)
- 37) Louvado seja, mas, tornando à vaca-fria, porquê estamos nós nas mãos do elefante. (pág.190)
- 38) Fará o que lhe mandar o cornaca (pág. 191)
- 39) Veja-se, por exemplo, o resultado de ter comido Adão no paraíso o que parecia uma vulgar maçã (pág. 218)
- 40) Deixem-nos, vamos ver como descalça ele a bota (pág. 222)
- 41) Às árvores pintadas não caem as folhas (pág. 240)
- 42) Vivamos nós o dia hoje, que o amanhã nunca se sabe (pág. 244)
- 43) Digam-nos como poderia ele abrir caminho para chegar às avenidas novas e aí preparar o desfile (pág. 247)
- 44) Semanas depois, chegou à Corte portuguesa uma carta do arquiduque (pág. 256)